

*Em Negativo*

Andréa Catrópa

## **Prólogo**

### *O riso da sibila*

É fácil cooptar um idealista. Experimente confrontá-lo com o fato irrefutável de que a maioria das pessoas só quer deixar tudo como está. Ele será lançado para fora do aquário e agonizará, até que a última gota de bons sentimentos evapore de seu corpo. Essa é a hora de lhe oferecer uma nova chance. Rijo, ele está preparado para enfrentar a vida fora de sua bolha: aqui, onde todos nadam sem que jamais sequer tenha havido água.

## Capítulo 1

### *Vidros trincados*

Ficou anos, os primeiros da juventude, num embate passional com as palavras. Inquieto com cada verso, incerto sobre o valor de cada poema. Às vezes, quando despertava, ou mesmo diante de alguma cena ou imagem que o marcava, a poesia o prendia em seu campo de força. Não era raro que rapidamente anotasse um texto, como se ele fosse fabricado a partir de blocos de encaixe. Isso, que de início identificou como um dom ou talento, passou a aborrecê-lo cada vez mais. Sentia-se preso em um torneio linguístico: ceder ao próprio impulso de escrever, montar os tais blocos, era colaborar para a construção da própria voz ou abraçar o fracasso? Deveria lutar contra aquilo que era quase natural?

Resolveu dar uma guinada: escreveria o oposto do que inicialmente queria. Se lhe viesse a ideia de um verso sobre um chapéu, descreveria a forma e as utilidades de uma meia. Se pensasse em um poema sobre o sol, colocaria o título de “ode à noite”, escrevendo o seu negativo. Frases melódicas, dicção metafórica seriam submetidas a bisturi e serrote – à cirurgia, sobreviveria um verso essencial, sem os antigos excessos. Mais importante ainda: ficaria atento aos preconceitos de seus contemporâneos, cuidando para contorná-los sem confronto.

O processo era infernal: autocontrariedade sistemática, que resultou em uma desconfiança contínua. Tudo ele relativizava, submetia a infindáveis hesitações e exames. Qualquer mínima tarefa se tornava demorada: lavava a louça, os cabelos, duas, três vezes. Cada trabalho esporádico de tradução que fazia era meticulosamente

elaborado e depois refeito. Muitas vezes, depois de todo o processo, concluía que a melhor versão era a primeira.

Sentado um dia na praia, na primeira das viagens que faria com quem seria sua mulher dois anos depois e para o mesmo destino, a casa litorânea que pertencia aos sogros, ele se entediava com a demora de Luísa. Sentia-se totalmente deslocado em meio ao grupo agitado que ela formava com seus primos. Resolveram dar uma volta de lancha. Ele imaginou a alegria dos corpos bronzeados, como que eletrificados por uma espécie de transferência direta da potência do motor para os seus braços e pernas, dentes e cabelos. Nele, só podia pensar que o calor do sol e o balanço de pequenas ondas teria o efeito inverso: mareado, com a pele rosada, o passeio poderia vampirizar sua energia, deixa-lo imprestável pelo resto do dia e também à noite. E era apenas a segunda vez que ele e Luísa dormiriam juntos. Preferiu não se arriscar a ter suas fragilidades expostas a troco de nada, fingir certo desdém por aquela adequação à vida.

O pretexto era a escrita e, conforme eles não voltavam, o bloco e a caneta na mão instigavam um movimento específico. Nas duas horas que ficou ali, passou por vários estágios. Desinteresse, pois não queria mesmo escrever. Depois, começou a tamborilar a tampa do bloco com a caneta. Em seguida, mais porque temia que todos chegassem e ele não estivesse trabalhando, resolveu rabiscar uma página. Sem pensar muito no que estava fazendo, deu-se conta de algo fantástico. Simplesmente preenchia as linhas do papel com palavras em fila. A linha terminava, ele partia para a próxima; como se fosse imperativo prosseguir sem demora. Nenhum impasse. Preencheu, assim, muitas folhas. Cada término provisório era um desafio que o aticava a continuar. Surgiu uma espécie de fúria. Quando Luísa e sua família chegaram, achou melhor não comentar nada. Se confirmasse que a prosa tinha para ele o mesmo efeito benéfico do sol sobre Luísa e seus primos, abandonaria a poesia.

\*\*

É próprio dos começos virem envoltos em maravilha. Às vezes, também em espanto. Sabemos, assim como Zero sabia, que isso talvez se perdesse em algum momento. Mas mesmo sem o entusiasmo dos primeiros tempos, o ofício de imprimir sua letra em linhas sem fim ainda tomava a maior parte de seu tempo. Não gostava de escrever diretamente no computador. Sabia que o hábito de usar lápis e borracha para, só com o rascunho de cada capítulo pronto, digitá-lo, tornava seu trabalho mais lento. Mas tinha medo de que aquela mágica inicial se dissipasse e ele voltasse a ser aquele escritor enredado em dilemas. Assim persistia. Insistia. Escrevia porque era o que queria e o que sabia fazer. Sem se preocupar muito com o que estava a sua volta. Era esse o motivo por que Luísa tanto reclamava. Era nisso o que estava pensando, enquanto não respondia nada.

A verdade é que há meses não se importava. Ouviu de repente - uma iluminação, ou simples cansaço - uma voz clara, que lhe passava a limpo os problemas por que tinha passado nos últimos tempos. A obsessão pela literatura estava no centro, agarrou-se a ela como falsa promessa de transcendência da vida besta que seu poeta favorito tinha nomeado.

Tanto tormento à toa, tanto debater-se por ideias que nunca vingariam. Como uma forma orgulhosa, inútil de contornar suas limitações. Um alibi para se manter confinado em um canto, fingindo dar conta do mundo. Quanta pretensão, quanto tempo esbanjado nesse ideal que era apenas outro nome para a sua incapacidade de lidar com o aspecto concreto do cotidiano.

Mas este não era um bom momento para se abrir com Luísa. Tocaria no assunto oportunamente. Antes das férias, era evidente, estaria muito mal-humorada. Aliás, ela ficava tensa nos dias que antecediam qualquer viagem. Por isso, achou melhor conversarem na volta. Ela estaria repousada, cheia de ideias para novos começos e, nesse momento, tinha mais chances de encarar com bons olhos alguma possibilidade de mudança. Ainda que Luísa não tolerasse ser pega de surpresa, nem quando um evento a favorecesse. Relutava em aceitar qualquer coisa imposta. Além disso, Zero sabia que, mesmo reclamando da instabilidade financeira que sua vida de escritor trazia para o casal, ela já estava acostumada ao seu modo de vida. A depender do trabalho que Zero conseguisse arranjar, a sua disponibilidade para dar atenção à casa e à Luísa diminuiria. Provavelmente, ela não gostaria de ter sua rotina virada de cabeça pra baixo sem ter sido consultada.

## Capítulo 2

### *Fora da bolha*

Tem que ser antes da cidade acordar. É mentira que ela nunca dorme. Talvez tenha o sono dos insones, o que não é o mesmo que estar desperta. É assim que se pega de surpresa um adversário. Quando não está atento.

Ainda escuro, ausência de trinados dos pássaros ou do ronco de motos e carros. Acordei como que com febre, a boca seca, os pensamentos tumultuados. Eu poderia enxotar aquela euforia, tentar dormir novamente. Mas, às vezes, era assim que conseguia clareza para agir: semidesperto, sem a máscara do dia, era mais fácil ser ousado.

Desvencilhei-me de Regina, cuidadosamente tirando seu braço esquerdo da minha coxa. *Aonde você vai?* **Pegar um copo d'água. Pode dormir que já volto.** Entrei no banheiro sorrateiro, cuidando para não fazer barulho. Saí do quarto na ponta dos pés. Eu tinha que terminar tudo em menos de uma hora. Sabia que a empregada não ia entrar no meu escritório sem bater, mas ainda assim, era melhor me precaver.

Então, seria esta a minha rotina daqui por diante: acordaria antes da própria casa. Éramos só os três, mas bastava que a cafeteira fosse ligada, a máquina de lavar roupa começasse a bater, a escova de dentes fosse branqueando os dentes de Regina e a gilete abrisse clareiras na minha cara para que a casa ganhasse um ritmo industrial. Isso, que no passado me dava o prazer da ordem e da regularidade, começou a me incomodar em uma viagem feita há alguns dias, quando por vários motivos, certas peças pareciam não se encaixar mais na minha vida.

Chovia muito naquela tarde. Beatrice usava um vestido estranho, com labaredas subindo por suas coxas até que se transformassem em negro carvão na altura da cintura. Acreditando que, com aquela roupa, agradaria o diretor comercial de um escritório de

design, errou feio. Minha tarefa estava longe de ser criativa, eu era um homem dos números e das decisões, da persuasão e do convencimento por critérios algébricos. Fiquei incomodado quando reparei que, de seu trajeto desde a porta do café até a mesa onde eu a esperava, várias pessoas voltaram os olhos (muitas, até a cabeça) para vê-la passar. Não nos encontrávamos há quase um ano, apesar dos e-mails carinhosos e de alguns telefonemas. No penúltimo, ela tinha chegado a chorar ao dizer que sentia minha falta e eu já imaginava que isso acarretaria em cobranças, que viriam de uma forma ou de outra. Ela, que tinha um temperamento instável, deve ter vindo ao meu encontro sentindo o peso daquele gesto desamparado, que não correspondia às suas oscilações habituais entre a afetação da indiferença e aos gestos apaixonados, mas nunca piegas. Talvez, não posso ter certeza, ela tenha passado os últimos meses me odiando, considerando que era descaso a minha total impossibilidade de ter voltado antes à Milão. Sem feiras ou negócios a fechar, eu não conseguiria uma desculpa para viajar à Itália sem Regina. Impossível. Foi o que expliquei a ela naquele telefonema que resultou em seu choro.

Entre as taças de frizante e o expresso, a conversa já tinha azedado. Admito que de ambas as partes, flechas voavam como num filme de época que reconstruísse as cenas de uma guerra medieval. Sabe, quando as flechas chovem de um território inimigo a outro, sem alvo preciso, mas com as pontas afiadas, não permitindo que ninguém se esqueça de que estão ali para ferir? Foi assim, por quase duas horas, sem trégua. Até que numa frase minha um pouco mais desajeitada - fosse pelo mau italiano, fosse por pura perversidade - eu desse a estocada final no último soldado de Beatrice: o seu caríssimo, vulgar, bizarro (fui responsável apenas por estes dois últimos adjetivos; o primeiro, foi ela quem resmungou olhando raivosamente para mim) vestido. Ela se levantou tão rápido (aqui, apesar do clichê, iria bem o termo impetuosamente) que



deixou cair para trás a cadeira onde estava sentada, convocando novamente os olhares de praticamente todos os turistas e habitués do famoso café.

O exagero da cena fez com que a descrição de um homem sentado ao fundo do pequeno salão, por contraste, se acentuasse. Com o aguaceiro que fazia, não me animei a seguir Beatrice. Do outro lado da porta, percebi que ela hesitava um pouco. Sob o toldo, perto das janelas envidraçadas, parou para tirar da grande bolsa uma capa de chuva que foi a cereja no bolo do traje horroroso. Achei melhor, menos por comodidade e mais por precaução, procura-la para conversar outra hora. Que fosse embora com suas labaredas e o impermeável vermelho. Eu ainda tinha pelo menos uma semana em Milão (conta redonda, se não fizéssemos as pazes, mas período extensível, se tudo se ajeitasse) e ainda me sentia um pouco intrigado pelo fato do homem lá ao fundo não ter dado a menor bola para o que acontecia em nossa mesa. Mais do que isso, ao observá-lo, sentia que ele era longinquamente familiar. Não era a figura propriamente, com cabelos crescidos e estudadamente descuidados, calças claras largas, um paletó molenga de mangas arregaçadas. Antes, o perfil de queixo pontudo e, ainda assim, afundado na papada, contrastando com a testa retraída e o nariz muito pequeno. Eu não sei se já tinha visto aquele homem, mas conhecia as proporções daquele rosto.

Fui interrompido em minha investigação porque o garçom gritava detrás do balcão, acenando para mim. Tive que ir até ele, e tive dificuldade para compreender o que falava. Aparentemente, *la bela donna* que esteve sentada comigo antes me chamava ao telefone. Achei que poderia ser um engano, e mesmo que não fosse, pedi que lhe dissesse que eu já tinha saído. Não ia ceder aos joguinhos dela. Precisava de uma recusa assim para me colocar em posição de vantagem. Devia ser difícil para ela, não saber manipular o homem que amava. Eu até sentiria pena, se esse homem não fosse eu e se

eu soubesse que, de outra forma, teria arranjado encrenca pesada ao me envolver com ela. Melhor que fosse assim: tempestuosa, mas inofensiva.

Aproveitei a proximidade do garçon e pedi alguma coisa para comer. Eu queria observar melhor o homem que me intrigava, mas uma mulher gorda sentou-se com uma amiga na mesa em frente a dele. A gorda gesticulava muito e ria, provavelmente, fazendo confissões picantes. Alta, com olheiras e unhas pintadas de cor escura, a amiga fazia um tipo misterioso e introspectivo. As duas contrastavam bastante em aparência e no temperamento, ao que parecia. Mas o homem não se importava. Pelo espelho do fundo da cafeteria, era possível observar que ele segurava algo. Talvez um aparelho eletrônico, talvez um caderno de notas. Era isso o que tomava toda a sua atenção.

De propósito, mastiguei o sanduíche bem devagar. Não gostaria que Beatrice estivesse me esperando no lobby do hotel e fizesse uma cena. Pedi soda, depois sorvete. Eu não tinha mais nada para fazer ali, só que uma curiosidade ainda me retinha. O tal do homem permanecia lá, sentado. Reparei que ninguém se aproximava ou o incomodava. Por uma ou duas vezes, apenas, fez sinal ao rapaz que estava por trás do balcão, como se solicitasse alguma coisa. Mas não foi possível ver se ele bebia algo. Meu ângulo dali não era favorável.

Depois de pagar a conta, ridiculamente tentei fingir que me dirigia ao banheiro. Isso permitiu que eu me virasse de frente para ele e pudesse ver seu rosto. Parecia conhecido e, por segundos, achei que ele também tivesse pensado o mesmo de mim. Mas seus olhos cruzaram com os meus e seguiram seu percurso, olhando para o teto e baixando até se fixarem novamente no caderno de notas (enfim, era isso o que segurava!). Depois desse brevíssimo intervalo, apoiou a caneta que estava em sua mão esquerda no papel e começou a escrever rapidamente, como se pensamentos arrebatados

tomassem todo o seu corpo e escoassem dos dedos para a tinta do pequeno acessório. Então, era canhoto, tinha um rosto conhecido e preferia um elegante bloco e caneta a algum componente eletrônico para registrar a sua escrita.

É possível eu estivesse obcecado por esse homem como forma de me desviar da discussão com Beatrice. A essa altura, já tinha passado a considerar que não seria de todo mal encontrá-la na porta do hotel. Os olhos um pouco borrados pelo choro, os cabelos despenteados pelo tanto de vezes que ela os alisara, nervosa. Chegaria até mim andando rápido, depois diminuiria o ritmo, menos certa de que queria briga. Eu seguraria firme seus ombros, não a deixaria falar e diria: Beatrice, *dio come ti amo! Non è possibile*. Jovem, talvez ela não reconhecesse a letra da canção e se deixasse conduzir para meu quarto, onde eu finalmente lhe rasgaria o terrível vestido e salvaria a sua nudez iluminada.

\*\*

Alguns turistas que atravessavam o salão do hotel se assustaram quando me ouviram elevar o tom de voz. Como eu usava os fones do celular, talvez tenham pensado que eu berrava sozinho, um doido qualquer que tinha invadido o lugar. Tentei falar um pouco mais baixo. Foi aí que Bernardo deixou claro pra mim o que eu já suspeitava. Primeiro, eu tinha viajado à Itália em uma missão às escuras. Havia outras transações sendo feitas pela Pau-Brasil, com outras empresas. Eu não tinha viajado apenas para apresentar a Estante Tapera, o Banquinho de Violão e o Sofá Bahia à empresa Interdesign, e vender os seus direitos de produção e comercialização para a rede de lojas mais sofisticada da Europa.

Quando eu concordei em me lançar nessa tarefa, mas disse que não gostava desse tipo de procedimento, Bernardo gritou. Repito, gritou que eu não recebia meu salário para gostar de nada. Eu tinha que me preparar para uma reunião tensa, ser duro, mas não perder a negociação. Alguém me encontraria em Roma com todas as informações de que eu necessitava. Isso era o que eu precisava saber. E desligou na minha cara.

\*\*\*

Ela também, desligou na minha cara. Calculei mal aquela recusa no café. Beatrice estava do outro lado da rua quando telefonou e pediu para o garçon me chamar. Queria uma reconciliação. Foi por isso que, após ter caminhado alguns quarteirões, entrou em um mercado, comprou uma garrafa de champagne e voltou. Esperava que eu fosse ao seu encontro e terminássemos a noite juntos. Quando não a atendi, ela disse que entendeu tudo. Eu simplesmente não me importava. Insisti muito: ela estava totalmente enganada. Tanto que eu estava ligando de Roma para que ela viesse me encontrar. Apesar de todas as dificuldades profissionais, de todos os obstáculos que eu estava encontrando, tinha arranjado um tempo para falar com ela e... Desligou. Deixou voando (ou onde ficam essas palavras que dizemos e o outro não ouve?) *o Dio come ti amo* que eu tinha ensaiado. Voando baixo e, com as asas cortadas, o pequeno trecho da pequena canção Pode manchou a ponta de meu sapato esquerdo como uma lágrima.

Bem nesse momento, o misterioso “contato” enviado por Bernardo entrou no bar onde eu o aguardava. Chamava-se Vitório, no máximo trinta anos. Cabelos espetados, um suéter rosa, calça de tweed e sapatos bicolores. Depois da apresentação, mais duas ou três palavras, ficou claro que se achava um gênio contemporâneo. O último adjetivo

reunindo tantos outros, dos quais não se envergonhava: fútil, banal, infantilizado, incapaz de reflexão e autocrítica. Precisava mais? Sim, porque tinha faltado um detalhe fundamental: ele era um indicado, amigo do filho mais velho do principal acionista e presidente da empresa onde eu trabalhava. E como tal, já havia percebido a necessidade urgente de ajustes. Ou ficaríamos para trás. Formado em arquitetura, com especialização na área de design de produtos. Mas foi abandonando a criação porque se interessava bastante pela área comercial. Contava comigo, que tinha tanta experiência, para ser seu aliado. Mas não haveria espaço para nostalgia ou sentimentalismo. Alguns velhos parceiros, funcionários, até valores obsoletos precisariam ser sacrificados. Os tempos eram difíceis e só a máxima eficiência nos traria êxito no mercado internacional.

Saí atordoado daquela reunião. Eu, o diretor comercial, nem sabia que aquele cara existia. E pior, que há meses vinha atuando fora da sede da empresa. Com a conivência da presidência, planejava a criação de linhas de móveis e objetos voltadas a um público jovem e eclético. Tinha encontrado novos designers incríveis e flexíveis, que aceitavam fazer peças de acordo com nossas demandas. Ele próprio já tinha dado um giro por vários países, fotografado modelos e pedido alguns protótipos inspirados naquelas referências. Não, não eram cópias, porque *demos aquele toque Pau-Brasil*. Segundo ele, era esse o apelo de nossa marca - nacional, exótico - que encantava o mundo.

Amanhã, tomaríamos café juntos. Ele deixaria o relatório que estava finalizando esta noite na recepção, assim eu poderia me inteirar dos números antes da reunião com a Popolo (loja e fábrica de móveis, até onde eu sabia, de gosto duvidoso). Era melhor que eu procurasse informações desse mercado de design mais acessível antes de emitir qualquer opinião sobre as transações propostas, mas sem o relatório, minha tarefa ficaria mais difícil. Para matar o tempo, resolvi caminhar até uma grande livraria que ficava a

poucas quadras do hotel. No caminho, eu havia reparado em como era bonita: pé-direito alto, bem iluminada e com amplas estantes de madeira. Lá, eu poderia folhear algumas revistas e livros, captar as tendências de decoração e design, fazer um levantamento dos criadores que estavam despontando na área.

\*\*\*\*

Fazia frio na rua, mas não queria ter que subir ao quarto e buscar um casaco. Talvez o Vitório estivesse trabalhando com seu laptop no café do hotel e, ao me ver passando, pedisse para que eu o ajudasse com o relatório. O que eu não deveria fazer. Precisava ainda sondar um pouco o terreno, saber quem ele era e qual seria o seu verdadeiro papel na empresa antes de ir baixando a guarda. Se eu tivesse que contribuir com ele agora, seria pego desprevinido. Mas, depois, com as consultas que eu faria na livraria e uma pesquisa rápida na internet, com os dados do relatório já em mãos, a coisa mudaria de figura. Eu teria uma margem de segurança para me posicionar.

Fazendo esses cálculos enquanto caminhava, acabei reparando menos no frio da rua. Ainda assim, foi com prazer que entrei no ambiente claro e aquecido. Na sessão das revistas, encontrei tantas que seria difícil olhar todas: não só italianas, como também alemãs, inglesas, dinamarquesas, finlandesas, espanholas. Para meu espanto, havia até uma brasileira. Antes de folheá-las, achei prudente comprar um bloco, porque o meu iPad tinha ficado no bolso do casaco. Perguntei onde ficava a sessão de papelaria. Uma atendente me apontou o andar superior, que tinha uma infinidade de cadernos, agendas, papéis de carta. De alguma forma, fiquei comovido. Fazia alguns anos que eu não me dedicava a uma tarefa tão singela como escolher papel e caneta para escrever. Mas, ao caminhar diante das prateleiras, fui percebendo que aqui essa tarefa perdia a

singeleza e se tornava um ato de pura luxúria. É provável que, ameaçados pela indústria eletrônica, os encarregados de produzir esses artigos de papelaria tenham se dedicado cada vez mais ao elemento sensorial que diferencia uma caderneta de uma superfície digital. Aquela ali, forrada de couro marrom desgastado e papel creme com pautas, era deliciosa de se cheirar. Abri-a ao meio, apalpei as folhas macias que convidavam ao toque e à escrita.

Uma senhora baixinha, com os cabelos arroxeados, quebrou a mágica daquele momento me encarando com olhos esbugalhados. Não sei se eram de censura ou de cobiça. Apesar do preço salgado, resolvi comprá-la. Além disso, peguei uma pilha de revistas, um lápis e uma caneta e fui me sentar em uma mesa do café da livraria. É lógico que eu não poderia ler na íntegra os artigos sobre os novos designers, as promessas do mercado, os materiais mais badalados. Mas, a partir dos títulos e dos anúncios, das fotos e de suas legendas, anotaria alguns nomes e tendências que eu poderia citar em caso de necessidade. A tarefa era simples, mas em cada reportagem sobre uma “revelação” que estava despontando na área, eu via a cara de fuinha do Vitório e ficava imediatamente enjoado. Isso elevava o meu índice de dispersão. Eram as conversas ao redor, eram as mulheres bonitas que entravam, eram as capas de livros que eu gostaria de ler. Tudo me atraía mais do que as revistas de design. Essa falta de foco me deixou um pouco desnortado. Eu não era assim. Não era. Mas, também, é preciso admitir. Ali era um lugar que levava a isso. Mesmo involuntariamente, um sujeito sentado naquele café ficaria com a atenção prejudicada.

Virei a cabeça pra observar ao meu redor – ninguém ali se permitia nenhuma introspecção. Um ou outro folheava um livro que tinha acabado de comprar, tentando se certificar de que fizera uma boa escolha. Mas era algo que durava, no máximo, um minuto, o silêncio e a leitura sendo interrompidos por alguém que retornava à mesa com

uma xícara fumegante ou pelo próprio leitor, que abandonava seu livro para usar o celular. Uma dessas pessoas começou a gargalhar, tão alto que até alguns frequentadores que estavam no mezanino se voltaram assustados. Era uma risada estranha, que começava com um grito, passava por um soluço e terminava como a sirene de uma ambulância que, pouco a pouco, se afasta. Observando o impacto desse som no recinto, percebi que eu estava errado quando concluí que naquele meio tudo levava à dispersão. Uma pessoa desmentia isso e desafiava os apelos do mundo, ignorando-os. Essa pessoa, eu já tinha visto. E agora que estávamos sentados há apenas dois metros de distância, pude observá-lo detalhadamente. Era Abel, um colega de faculdade, o mesmo homem que eu tinha visto ontem em Milão, igualmente concentrado na própria escrita. Embalado pelo desinteresse momentâneo por meu trabalho e pela coincidência de encontrar um antigo colega por duas vezes, em dias seguidos, em duas cidades diferentes, resolvi abordá-lo.

Quando toquei seu ombro, levantou a cabeça com um ar aborrecido.

- **Abel! Abel Alves!**

A sua expressão passou da hostilidade à vaga simpatia. Na verdade, era mais um sorriso abestalhado de quem procura dar tempo à memória. Ele me olhava e não conseguia me reconhecer, era evidente, mas tê-lo chamado por nome e sobrenome deu-me a certeza de que não éramos estranhos.

- **Do curso de arquitetura. O Daniel, que namorou a sua irmã no terceiro ano, não se lembra? Passamos umas férias ótimas em Itamambuca, na casa dos seus pais...**

Estudou meu rosto com olhos apertados, como se buscasse longinquamente algum dado sobre mim. Até que sua expressão se aliviou, e disse:

- *Ah...agora sim...Bem que te achei familiar: o Dani da Dani.*



- **Como?**
- *Era assim que em casa a gente te chamava: o Dani da Dani...*
- **Engraçado... E o que você tá fazendo por aqui?**

Respondi que tinha vindo a trabalho. Ele me convidou para sentar-me com ele, puxou uma cadeira cordialmente, pediu dois cafés e duas águas. O diálogo com a atendente foi curto, mas seu italiano, deu para notar, era perfeito.

- *Quem diria... Aqui em Roma, uns vinte... é isso? Vinte anos depois, eu iria reencontrar o Dani da Dani... Ha...ha! Ela tá bem, enfim se acertou com um cara.*
- **Quem? Ah, desculpe, a Daniela, claro...**
- *É, a Dani... Charmosa, inteligente, mas um mau gosto danado pros homens... Depois que ela te largou, era cada um que aparecia.*
- **Mas pelo que você falou, tá tudo certo agora, não é?**
- *Vai até casar!*
- **Isso é ótimo. Ela foi uma namorada muito especial... Não sei se você se lembra, mas só terminamos porque, depois do fim do curso, eu ia passar um ano viajando: um ano sabático, a gente pode dizer assim...**
- *Ah, não lembrava. Só me lembro de uma tarde em que minha mãe perguntou se você viria jantar e a Dani disse que não., porque ela tinha terminado o namoro.*
- **Enfim, a vida de cada um foi pra um lado... Mas, e você? Reparei que você estava aí, concentradíssimo, escrevendo.**
- *É isso. Esse é meu trabalho.*
- **Você é escritor?**

- *Olha, escritor não... Se eu disser isso, algum intelectual infiltrado aqui pode ouvir e lançar uma seta envenenada no meu pescoço.*

Riu muito. Não me lembrava de Abel assim, tão bem humorado, descontraído. Aliás, da tal viagem à Itamambuca, as piores recordações vinham justamente dele e dos seus amigos. Não que eles me hostilizassem... Na verdade, mal conversavam com a gente. Três branquelos, sempre curvados, com olheiras... Acordavam lá pelas duas, iam à praia só no fim da tarde. Era natural que tivessem uma certa bronca de mim. No auge da minha juventude, hoje posso admitir, eu era um cara bonitão, porte atlético, sabia conversar. E, se pra família dele eu era o Dani da Dani, entre meus colegas da faculdade ele e os amigos formavam o Trio Bisonho.

- *Na verdade, eu cheguei a trabalhar no escritório do meu tio por uns três anos. Lembra, Dani, o tio Oswaldo? Um cara meio doidão, com um bigode branco enorme, tinha uma Harley...Ele sempre chegava de moto pros almoços de domingo, jaqueta de couro e algum amigo ou namorada mais pirada que ele. Adorava contar das viagens dele pra Amsterdam, pro México.*
- **Eu me lembro. Não foi ele que teve, não sei...um tipo de...iluminação em Machu Pichu, e depois disso resolveu voltar pra São Paulo, abrir o escritório, assumir a herança da família?**
- *Isso. Ele mesmo. Foi nesse escritório que trabalhei. Depois, meu pai me indicou pra uma vaga numa construtora. Fiquei lá por um bom tempo. Mas esse trabalho de escritório...Tem gente que daria tudo pra ter uma vida quadrada,*

*naquela atmosfera fria de ar condicionado. É só uma fachada chique pra uma escravidão light.*

- **Puxa, então você não se adaptou.**

- *Bom, eu até entendo uma pessoa que se submete a isso por extrema necessidade. Sei lá, um cara que tem três filhos pra sustentar, a mãe doente. Mas eu tinha feito um pé-de-meia, herdado um bom apartamento dos meus pais. Pra quê? Pra que continuar ali?*

- **É, nesse caso...**

- *Olha, teve uma hora em que eu chegava e, antes de cumprir meio expediente, parecia que eu ia explodir. Uma vez, o diretor comercial chegou com uma história, dizendo que eu tava propondo uns revestimentos muito caros pros prédio de “alto nível” que eles lançavam. Daí argumentei que eles vendiam aquele tipo de apartamento mais caro justamente por prometer detalhes de primeira linha. Sabe o que ele respondeu?*

- **O quê?**

- *Que nosso papel era vender mais caro e gastar menos, aumentar o lucro da empresa. Se a gente não fizesse isso, como íamos garantir nosso salário? Bom, meu salário era pra ser arquiteto, não pra ser um capacho . Não respondi nada. Peguei algumas coisas que tavam na mesa, saí andando. Nunca mais voltei lá, nem pra dar baixa na carteira.*

- **Mas e daí, como você fez pra se recolocar? Eles devem ter espalhado coisas pra te queimar no mercado.**

- *Não me importava, porque eu queria sair daquele ambiente. O pessoal dizendo “sim” pra um cara e, era só virar as costas, que todo mundo caia em cima. Um clima insuportável. Ninguém podia opinar, contribuir, só aceitar. E depois, ficar*

*remoendo, fazendo ameaças vazias. Daí, sai. E um amigo tinha se associado a um escritório de arquitetura e design. Ele era jornalista, montou uma pequena editora. Já tinha lido umas coisinhas que eu escrevia.*

- **Então você já escrevia nessa época?**

- *Ensaiaava uns contos, umas crônicas. Como ele tava atulhado de trabalho, resolveu me testar. Foi passando um trabalhinho aqui, outro ali. Até que a coisa se tornou tão frequente que, quando a gente percebeu, eu já era praticamente um funcionário da empresa e ele me ofereceu sociedade.*

Abel me contou que viajava porque, justamente agora, estava trabalhando em um tipo de almanaque de lifestyle. Não sei se entendi bem o que era, acho que um tipo de publicação voltada a profissionais liberais e aos cocooners... Segundo ele, a empresa de muitas pessoas hoje – as mais espertas, que se libertaram da escravidão – se limitava ao laptop e ao celular. Essas pessoas poderiam viajar quando bem entendessem, atendendo seus clientes a partir de um café ou quarto de hotel em São Francisco, La Paz, Belo Horizonte ou Helsinque. Assim, ele ia de cidade em cidade, testando pequenos roteiros culturais que pudessem ser fracionados em poucas horas. O turista visitaria, por exemplo, um museu e depois iria para um café consultar e-mails, trabalhar um pouco. Em seguida, caminharia, veria um monumento, entraria em algum restaurante e, aguardando o almoço, trabalharia outro tanto. E assim por diante. Abel ia testando os melhores lugares, os melhores hotéis, os melhores restaurantes: tudo do bom e do melhor para seus pobres leitores, que já não podiam se dar ao luxo de perder tempo planejando uma viagem. Em vez disso, embarcariam com o guia em seus gadgets digitais e, ainda no avião, checariam os roteiros possíveis. Prático, muito prático. De qualquer forma, por mais que a conversa me interessasse, acabei me lembrando do

motivo de minha vinda à livraria. Despedi-me do Abel, trocamos cartões, prometemos um breve contato e parti para o hotel com minha caderneta e algumas revistas.

Aliviado, percebi que Vitório não me aguardava no saguão e já tinha deixado o relatório na recepção, aos meus cuidados. Eu estava um pouco sonolento, mas achei melhor ler o relatório assim que entrei no quarto. Depois, tomei uma ducha e me sentei na cama, completamente nu. Estranhei o meu ato. Havia um pijama na mala de mão, ao meu alcance. Mas uma espécie de bem-estar foi me tomando, conforme eu percebia que era uma atitude deliberada de rebeldia. Eu não queria vestir o pijama e não vestiria. Quem poderia me obrigar, se eu estava sozinho? É claro que, em uma emergência... Vamos supor que houvesse um incêndio ou um terremoto... Nesses casos, seria melhor estar vestido... Pior ainda se o hotel fosse invadido por sequestradores que, ao arrombarem a porta e me verem assim, despreparado, tivessem ideias cruéis e lascivas... Mas a probabilidade era mínima, mais fácil que eu acordasse no meio da noite com frio e espirrasse. Nada trágico ou grandioso, e meu vizinho de quarto não desconfiaria de nada. Ah, me lembrei de colocar a plaquinha de não perturbar do outro lado da porta. Nunca se sabe.

Bom, agora convictamente pelado e sem a possibilidade de ser interrompido, resolvi abrir uma pequena garrafa de uísque que estava ali no frigobar, uma porção de amêndoas salgadas e me dedicar a ler as revistas. Peguei também a minha caderneta, alisei a capa, passei as unhas pela textura do couro e do tecido adamascado que forrava seu interior. Achei que, para ela, seria muito pouco guardar notas esparsas para uma reunião de trabalho. Reservei-a para uma ocasião melhor. Folhiei as revistas, fiz uma rápida pesquisa pela internet. Pensei, antes de programar o despertador e apagar a luz, que se Vitório quisesse me descartar, encontraria algumas dificuldades.

\*\*\*\*\*

A caderneta de couro e papel creme era demais para rabiscos sobre design, meu pescoço era demais para a gravata, meu corpo, para o terno. Resolvi me vestir de forma mais despojada, para não marcar tanto a minha diferença de idade em relação ao Vitório. Quando nos encontramos para o café, pareceu um pouco desconcertado ao me ver. Certamente se sentiu impactado pela minha aparência e não conseguiu esconder. Um a zero para mim. Elogiei o relatório, apontei amigavelmente alguns dados ambíguos, que necessitavam de acréscimo de informações. Ele fez isso com minha ajuda, ali na mesa do café-da-manhã. Dois a zero para mim.

Durante a reunião, deixei que ele falasse a maior parte do tempo. Que esticasse a própria corda para se enforcar. Pelo pouco que sabia da Popolo, era evidente que não gostavam de riscos, só de lucros certos e cada vez maiores. Quando demonstraram resistência a algumas peças e ideias apresentadas por Vitório, fiz minha participação. Concordei que, talvez, o cliente-padrão da empresa não soubesse como usar certos móveis e acessórios pouco convencionais, mas isso poderia ser resolvido com um catálogo a ser distribuído na loja, com sugestões de ambientes que o inspirassem em sua casa. Além disso, a estratégia de trazer uma linha de design sofisticado, com preço mais elevado do que os outros produtos, poderia atrair uma nova clientela. Por acaso, não repararam na existência dos cocooners, um grupo crescente de profissionais liberais que não se importa em pagar mais para poder comprar sem sair do conforto de seus lares-escritórios? Para eles, poderíamos aproveitar a estrutura existente da loja online e criar um site especial, com comunicação e valores diferenciados. Isso animou os executivos da nossa futura parceira italiana e fechamos negócio para começarmos a produzir um lote inicial de uma linha reduzida de produtos. Ficaria a nosso cargo preparar o catálogo e o layout do novo site. Três a zero para mim.